



Frei Pedro Lopes rezou missa muito concorrida, com direito a todos os paramentos, nos fundos do Beirute Restaurante Bar

Beirute, aos 35 anos, é orgulho e festa em Brasília

■ Além da missa, fogos de artifício e cerveja de graça marcaram comemoração

LUÍS OSVALDO GROSSMANN

É tão difícil um bar em Brasília durar tanto tempo, que o simples fato de um deles completar 35 anos já seria motivo para mandar rezar uma missa. Mas se o bar em questão tem uma tradição inigualável entre seus pares, o resultado só poderia mesmo ser uma festa com lotação esgotada, tanto nas mesas quanto nos corredores. E não faltaram o padre, a missa com direito a comunhão, fogos de artifício e, para completar, cerveja de graça.

"Vir aqui é a mesma coisa que estar em casa", garante o frei Pedro Lopes, que não se acanhou em rezar a missa com direito a todos os paramentos nos fundos do Beirute Restaurante Bar. "Eu já tinha realizado as homenagens para o Bartô (Bartolomeu Frota Mari-

nho), quando ele morreu há dois anos. Por isso, quando Chiquinho (Francisco Frota Marinho) me convidou para fazer a missa de aniversário, topei na hora", completa o padre, que comanda o santuário Nossa Senhora de Fátima, na 906 Sul, mas não dispensa - que Deus o perdoe - a sagrada cervejinha na tradicional esquina da 109 Sul, onde há 35 aniversários os "beiruteanos" se encontram. "Frequente aqui desde 1974 e acho que esse é o ministério mais importante da cidade, o Ministério Etfílico de Brasília", emenda o cantor Renato Mattos.

Pois os dois irmãos Chiquinho e Bartô (onde quer que esteja), têm todos os motivos para estarem orgulhosos da festa. E os quase 200 "beiruteanos" que assistiram de perto a celebração também - sem

contar os fregueses que acompanharam de longe, nas mesas lotadas. Apesar de segunda-feira (dia para os profissionais, garantem), mal era possível atravessar o bar.

Não foi à toa. Desde que os irmãos libaneses Kaawai e Maaroui compraram o bar, em 1966, a freguesia é fiel. "É que entre Brasília e o Beirute há uma relação amorosa, uma relação como uma vida conjugal duradoura e feliz", explica o poeta Cassiano Nunes, freguês de carteirinha do alto de seus 80 anos. Mais fidelidade do que isso, só mesmo do "seu" José Jorge Cauhy, que ontem, mesmo com seus 88 anos, foi conferir o sucesso de seu sucessor - Cauhy comprou o Beirute dos libaneses e, mais tarde, vendeu a seus garçons Chiquinho e Bartô. "De tempos em tempos eu apareço por aqui. Só

não venho mais porque eles nunca me deixam pagar", brinca.

Depois que Bartô morreu, há dois anos, Chiquinho assumiu sozinho o empreendimento, mas o negócio continua familiar. Agora, são os quatro filhos que tocam o negócio. "O Beirute é a cara de Brasília e certamente nós vamos mantê-lo com a mesma garra de meu pai e meu tio", garante o "herdeiro" Francisco Emílio.

Mas talvez ninguém melhor para definir esse verdadeiro patrimônio da cidade que um de seus maiores conhecedores, o próprio Chiquinho: "Se de fato Deus é brasileiro, não tenho dúvidas de que ele nasceu no Goiás e, quem sabe, nessas suas andanças, não passou por essa casa, criada pelos árabes, mas com tempero cearense". Salve o Beirute!

O bar mais tradicional

Na esquina da 109 Sul, em 1966, funcionava o bar do Abraão. Foi esse o ponto que os irmãos Youssef Maaroui e Youssef Kaawai compraram e inauguraram no dia 16 de abril de 1966, rebatizado de Beirute Restaurante Bar.

O cardápio mudou pouco desde então - a especialidade continua a cozinha árabe, do quibe ao charuto de repolho - mas os donos originais passaram o ponto um ano depois pa-

ra um filho de árabes, José Jorge Cauhy. Foi ele quem, em 1968, contratou como garçons os irmãos Francisco, Bartolomeu e Aluísio Marinho - o último como balconista.

Mas em 1970, o bar mais animado da rua era o (finado) Arabeske, também empreendimento dos irmãos Youssef. Desanimado, Cauhy vendeu o Beirute, "em suas prestações", aos irmãos Bartô e Chiquinho, no natal daquele

ano. Os contemporâneos descrevem que houve um certo "esforço concentrado" para ajudar os garçons a pagarem o investimento.

Hoje nenhum esforço é necessário para lotar o lugar que é facilmente descrito como o bar mais tradicional da cidade. Tanto, que com seus 63 anos, Francisco Marinho, o Chiquinho do Beirute, se prepara animado para comemorar os aniversários vindouros de seu

reberto. "Isso tudo que estou vendo aqui me dá ânimo para comemorar outros 35 anos... ou melhor, pra arredondar, porque não pensarmos nas comemorações dos 100 anos da casa?", sugere o dono do Beirute. Os 32 garçons, que ontem levaram as famílias para comemorar a festa, e os inúmeros fregueses agradecem, desde já, a chance de continuar contando com as noites do Beirute Restaurante Bar. (LOG)